

A HERMENÊUTICA RELIGIOSA ENTRE IDEOLOGIA E FILOSOFIA

RELIGIOUS HERMENEUTICS BETWEEN IDEOLOGY AND PHILOSOPHY*

JOSÉ ROBERTO BONOME**
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ANÁPOLIS, BRASIL

Resumo: A filosofia é a contribuição para questionar o absoluto das ideologias. Tais formas de ver e de interpretar o mundo, o mundo das coisas, o *Lebenswelt*, não exige convergência de relatos, por outro lado, interpretar, compreender e explicar são aspectos fundamentais à racionalidade ocidental. A atualidade exige que as abstrações ideológicas deem lugar à objetividade científica, enquanto a subjetividade de valores contributivos ao desenvolvimento da sociedade seja colocada em um outro plano. Refletir sobre diversidade interpretativa é questionar a univocidade das ideologias que constantemente querem subjugar a liberdade do sujeito humano.

Palavras Chave: Interpretação. Ideologia. Cosmovisão e Visão de mundo.

Abstract: Philosophy is the contribution to questioning the absolute of ideologies. Such ways of seeing and interpreting, the world, the world of things, the *Lebenswelt*, does not require convergence of reports; on the other hand, interpreting, understanding and explaining are fundamental aspects to Western rationality. Today requires ideological abstractions to give way to scientific objectivity, while subjectivity of values contributing to the development of society is placed in another plane. Reflecting on interpretive diversity is questioning the univocity of ideologies that constantly want to subdue the freedom of the human subject.

Keywords: Interpretation. Ideology. Worldview and world view.

* Artigo recebido em 17/01/2020 aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 15/02/2020.

** Doutorado em Estudos Comparados das Américas pela Universidade de Brasília, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3046622688636130>. E-mail: bonomec@bol.com.br.

INTRODUÇÃO

Na história da humanidade existem registros sobre o humano diante da natureza, diante das forças enigmáticas, misteriosas, entre a imensidão do cosmos e a limitada visão do observador. Registros a descrever o espanto, a admiração e a necessidade subjetiva de dar sentido ao misterioso, ao incognoscível, àquilo que causa temor e tremor – o *mysterium tremendum et fascinans*¹, o que não se explica pela razão. Criações intelectuais geradoras de histórias a darem sentido à vida, mas responsável também pela criação de deuses particulares cujos atributos justificam a fragilidade daquele humano que não entende o que observa, que sente o complexo do mundo na sua particular simplicidade. Cada observador, nas diversas épocas com seus respectivos acontecimentos, em seu olhar para fora está limitado e, quase sempre, imperscrutável quando volta para dentro de si mesmo. Lembro de ter lido Gaston Bachelard (1884-1962) que dizia ser nosso problema a adaptação do mundo às nossas percepções e não a adaptação de nossas percepções ao mundo.

Como deveríamos nos colocar diante da complexidade do todo e da quase impossibilidade do particular entendimento e descrição dessas coisas observadas? Qual a linguagem utilizada para comunicar esse mundo observado? Ernst Cassirer (1874-1945), escrevia que “a diversidade entre as várias línguas, não é uma questão de sons e signos distintos, mas sim de diferentes perspectivas de mundo” (1972, p. 50). O que é o mundo, o que são as coisas, o que é o ser, o ente, a essência, a finitude, e até mesmo a possibilidade da eternidade, o que são? Seriam tentativas de superação das indagações impossíveis de serem respondidas de modo satisfatório, racional e inteligível?

Num esforço não tão fértil o humano, na história, tem criado explicações, mas que não passam de incursões no mistério sem alcançar seu núcleo duro, sem vislumbrar o centro de onde procedem as coisas. Cassirer dizia que:

[...] a linguagem nunca designa simplesmente os objetos como tais, mas sempre conceitos formados pela atividade espontânea do espírito, razão pela qual a natureza dos referidos conceitos depende do rumo tomado por esse exame intelectual. (1972, p. 51)

Esses esforços vão desde os pré-socráticos, especialmente Parmênides, que dizia ser o divino a verdade que se opõe as opiniões, mas seria essa verdade o universal? O filosofar é submeter-se ao que a ideia quer (Ricoeur, 2014, p. 128), mas quantas “verdades” existiriam?

¹ - OTTO, 2007. Autores como Mircea Eliade e Renè Girard, atuam nessa perspectiva. Para outras teorias da religião: Daniel L. Pals. Nove Teorias da Religião. Petrópolis: Vozes, 2019.

Ora, o diálogo tem sido algo de muita importância para que, na multiforme interpretação do mundo, as pessoas possam compartilhar suas visões de mundo, suas apreensões, suas concepções do que as coisas são e da probabilidade das coisas não serem, da potencialidade do ser e do não ser das coisas². Mesmo que os interlocutores do diálogo carreguem o fardo da ideologia, pela cultura, pela crença, ou por qualquer outro fato originário, esta não se sobrepõe, pelo contrário, está contida nos limites da civilidade, do respeito, ou quando menos, da consciência da igualdade. Mas quando faltam as ações afirmativas de civilidade cria-se uma espécie de armadilha, de barreira, de distanciamento, do silêncio profundo e obscuro.

A armadilha epistemológica está nas definições unilaterais que se fecham ao diálogo, na ideologia que se constrói a partir de imprecisões afirmadas como verdades inerentes ao objeto que se vela e que se desvela pela capacidade interpretativa do sujeito cognoscente. Não há conhecimento sem o objeto, por mais que a mente crie e recrie ideias, por mais perfeitas que sejam, sempre será projeção do mundo percebido pelos sentidos – conforme descrevia Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) no *Organon*. Mesmo quando as intuições se afiguram como inatas não o são, elas apenas reproduzem informações e desinformações num emaranhado desenhado para satisfazer a curiosidade do sujeito e quase nunca para abarcar o objeto ou os objetos que se mostram por si mesmos.

O conhecimento é um mistério que se apresenta à curiosidade do sujeito cognoscente, é um milagre tão corriqueiro que deixa de ser um milagre pela naturalidade da repetição. Tal contínua repetição extrapola a circularidade, seja do campo de ação, seja no campo do conhecimento ou da compreensão. Conhecer é um ato mecânico que se dá no tempo, nunca é atemporal pela propriedade do conhecer, é, portanto, um contínuo caminhar para a frente.

Apesar dos avanços técnicos e tecnológicos, ainda a influência cartesiana se apresenta com força na construção de um mundo ideal. O mecanismo cerebral, como engrenagens de um relógio a marcar o tempo fracionando-o em segundos que, quando bem calibrado, com

² - Uma das questões sobre como o mundo é visto, compreendido, entendido, refletido, interpretado, explicado, apreendido e, portanto, sobre como se atribui valor às coisas, pode ser respondida pela consciência. Na história encontram-se três modelos explicativos: o mecanicista, o organicista e o dialético. A crença mecanicista do universo como uma grande máquina cujo funcionamento se dá de maneira ordenada, cósmica – cosmos em grego é organização. O modelo organicista atribui vida às relações entre o sujeito que observa e o objeto que está sendo observado, construindo a realidade a partir da compreensão dessas relações. O que nos parece mais aceitável é o modelo dialético cujas premissas são as relações entre fatores culturais e naturais, ou seja, o humano com suas construções numa determinada realidade (tempo, espaço, acontecimentos, ...).

precisão tal a superar qualquer tipo de intuição relativa ao tempo, demarca os limites também do espaço. O tempo registrado pelo maquinário é muito mais preciso que o impresso na mente pelas experiências temporais. Mesmo assim, as máquinas são criações humanas a superar, na sua especificidade, o relojoeiro que as constrói, talvez aqui caiba a antiga reflexão aristotélica sobre a razão suficiente para as coisas serem o que são e não serem outra coisa. O objeto criado, a coisa que é, superaria a razão suficiente? Não! É a razão suficiente a criar como quiser o objeto, mas depois de criado o objeto reflete seu criador, e se o relojoeiro fizer seu trabalho com êxito não haverá desconfiança quanto ao tempo mensurado ou ao espaço percorrido. O tempo do cérebro, registrado por ele, pode não ser, e intuitivamente acredito que não seja, o tempo e o espaço da mente. Pois o pensado não é necessariamente o registrado pelo cérebro.³

Assim como o tempo, o espaço também é mensurado, assim como o tempo e o espaço os fatos que aí se realizam são registrados. O criador do registro dos fatos nem sempre é preciso como deve ser o relojoeiro, o registro não é exato, é aproximação dos acontecimentos. Apesar disso, nem sempre a aproximação é tão próxima, às vezes é distante, às vezes a percepção que se tem é de univocidade ou equivocidade, às vezes reproduz uma impressão, às vezes um sentimento, mas sempre uma visão de mundo que busca dar sentido à visão que vê o mundo e também ao mundo que é visto pela visão.⁴ Não há que se dizer cosmovisão (*Wel-tanschauung*) com o sentido de concepção de mundo, pois não há uma única estrutura interpretativa dos acontecimentos, do registro dos acontecimentos, pois aqui também pode haver o distanciamento entre o que o mecanismo cerebral registra e o que a mente produz para atuar nessas concepções. Como Moles diz, “...o papel do físico que era outrora o de medir o Universo tornou-se, bem mais inteiramente diverso, o de compreender o Universo, isto é, o de prender, de o apreender” (2010, p. 18).

³ - A teoria do conhecimento em Kant é diferente da teoria do conhecimento em Ernst Cassirer. Enquanto em Kant sua epistemologia é orientada na mecânica newtoniana, considerada como modelo de ciência, em Cassirer sua epistemologia é orientada na teoria do eletromagnetismo de Maxwell. Com a superação do mecanicismo supera-se a condição de intuição das teorias científicas, ou seja, as teorias científicas não têm mais uma correspondência imediata com a realidade sensível. Conceitos como átomo, massa, força etc., não existem de fato na realidade, mas são construções conceituais que visam interpretar o real. Para Cassirer, isso significa que objetividade não pode mais ser identificada com o conceito de substância, com um ser sensível existente, mas sim como uma forma de construir, de interpretar o mundo simbolicamente, ou seja, como uma função simbólica (Vladimir Fernandes, Dissertação de Mestrado em Filosofia – *Ernst Cassirer: o mito político como técnica de poder no nazismo* – defendida na PUC SP em 2000).

⁴ - As ideias dominantes são as ideias daqueles que, de alguma forma, exercem algum tipo de domínio sobre a sociedade, portanto, a crítica das ideias dominantes passa pela crítica dos que exercem algum tipo de poder sobre as pessoas e na sociedade.

Portanto, os óculos hermenêuticos são um caleidoscópio multicolorido que, ao sofrer o mínimo impacto, pode ter as figuras formadas transformadas em outras figuras, mesmo preservando os objetos e as cores internas, e se o mundo não é imóvel as visões de mundo enxergam sempre novas situações, novas realidades. Da mesma maneira que o ser humano se movimenta constantemente e, portanto, enxerga sempre a realidade de maneira diferente, mesmo que utilizando os mesmos óculos, mesmo, se possível, tivesse as mesmas ideias sobre o que é a realidade, mesmo assim não haveria univocidade para a descrição do que as coisas são e do que as coisas não são.

HERMENÊUTICA DA VIDA E IDEOLOGIA

Wilhem Christian Ludwig Dilthey (1833-1911) abre um de seus escritos de 1860 com uma frase de força: "... a ciência da hermenêutica realmente começa com o protestantismo, ainda que a arte da exegese e a reflexão sobre ela, certamente, sejam muito mais antigas"(In: Franco, 2012, *on line*). Não se trata de uma perspectiva de vida fechada em alguma dogmática confessional, em alguma perspectiva de vida ou um conjunto de princípios valorativos orientadores da moral ou da ética, não é um conjunto de valores a dizer o que é bom ou o que não é bom, o que é certo ou o que é errado, não é uma ideologia. Hermenêutica não pode ser ideologia, ela trata de compreender, interpretar e buscar aplicar para a vida o que as coisas são e não como o interprete gostaria que fosse.

Compreender e interpretar são ações dialéticas quando ocorre a interpretação e a compreensão (*verstehen*). O líder protestante Lutero (1483-1546) não compreendia o mundo dentro de uma cosmovisão, pelo contrário, trouxe para a consciência a liberdade hermenêutica inexistente em seu tempo. O combate à ideologia da sua época trouxe ao protestante problemas hermenêuticos pessoais e problemas com seus debatedores, pois as ideologias reinantes eram, para ele, inversões da realidade. O protestante com suas convicções de liberdade de consciência não pode ter ou obrigar outros a terem uma visão simplista da natureza, das relações sociais, da constituição das coisas, do mundo, do universo e, por isso mesmo, abandona a ideia de cosmovisão ou visão de todas as coisas a partir de um único referencial. Lutero, contundente e convincente, abre a perspectiva da pluralidade pela diferenciação entre os seres humanos. A riqueza da hermenêutica protestante é certamente a pluralidade de teologias a expressarem visões diferentes da narrativa histórica (*Geschichte*), e até mesmo da hermenêutica realizada por perspectivas como diria Karl

Mannheim (1893-1947). Perspectivas interpretativas a corresponder subjetividades, a do escritor e a do leitor dos acontecimentos.

Como conjunto de ideias, ao se falar em cosmovisão, o equívoco realça o empobrecimento das relações cerebrais que processam o fenômeno das muitas visões do cosmo, pois não pode haver apenas um olhar interpretativo, apenas um conjunto valorativo que cerque todas as relações humanas, pois não se trata aqui de leis da física. Falta nesta perspectiva o diálogo que sempre é necessário para uma melhor visão de mundo. Existe certa confusão ao rotular o que seja a coerência de reflexão, pois com tal imprecisão no rótulo deixa-se o *locus* do diálogo para o da convicção pessoal. Entendida como ideologia, reproduz uma visão cultural de determinado grupo, facção, instituição, seita, enfim, uma visão cultural unilateral e reducionista da sociedade, ou do objeto observado caso não seja a sociedade. Esse reducionismo, portanto, passa a ser o elemento central das observações pseudocientíficas a criar, desta forma, paradigmas imprecisos na sua materialidade e precisos para reforçar o que se quer acreditar.

Na teologia judaica e na teologia cristã somente Deus pode enxergar o universo de maneira única e unívoca, sem sombras a obnubilar seus olhos, e esse privilégio não é compartilhado com qualquer indivíduo ou instituição. Heráclito ensinava sobre o *λογος* e Anaxágoras enfatizava o *νοος* alternando entre a inteligência que transcende e a imanência sensível. Nem o *logos* e nem o *nous* serão suficientes para reduzir a pluralidade numa dualidade, quanto mais dizer de uma unidade interpretativa do universo. Antes mesmo, na mitologia grega, o deus Hermes codificava e decodificava diversas interpretações dos acontecimentos, das emoções, das sensações, enfim, do todo constitutivo humano.

Não se pode ver o mundo, que não é unidimensional, como se debruçado na tela de um celular ou de qualquer máquina que se pretenda ser reprodutora da realidade numa realidade virtual, isso não é possível na realidade multidimensional. Se a realidade é o que se pensa, então não existiria senão fora do pensar, mas se o pensar é uma atitude intelectual que tem como pressuposto os sentidos, então a realidade está fora do pensar, mesmo que o pensamento seja uma realidade, mas apenas a realidade do pensamento, que é apenas uma abstração. Daí que a ciência se ocupa da descrição do universo, do que as coisas são, separando-as das coisas que não são por definição; dessa forma, ciência não pode ter características de atribuição de valor, não cabe aos métodos e às técnicas afirmar do bem ou do mal, do belo ou do feio, enfim, a ética e a estética são conhecimentos de dissonância cognitiva conforme a cultura onde o sujeito – cientista – se insere, e como sujeito

cognoscente precisa estar restrito aos métodos e às técnicas escolhidas para com mais precisão possível explicar o que o objeto observado é e o que não é. Diz Guyau (2014, p. 598):

Se examino a mim mesmo, não é enquanto eu sou eu, mas enquanto encontro em mim alguma coisa em comum com todos os homens. Se eu olho a minha bolha de sabão, é para nela descobrir um raio de sol; é para sair dela e não para limitar a ela a minha visão. Aliás, aqueles que têm algumas ideias absolutamente fixas, decididas e satisfeitas com os próprios limites, são precisamente os únicos que não têm ideias pessoais.

Por outro lado, as sociedades não são constituídas apenas por pessoas que fazem observação e descrição, a empiria como método é recente na história, apesar da antiguidade das observações, mesmo que sem método e sem técnica, ser relatada em diversas culturas. As sociedades são constituídas de pessoas, seres, indivíduos que se juntam, que transformam a topografia, que transformam as relações, e que reformam constantemente concepções que, pela tecnologia, se mostram frágeis e descartáveis, ou se mostram débeis, mas necessárias para novas compreensões das coisas. Nesse sentido nascem novos sentidos, novas apreensões, novas hermenêuticas do mundo, do mundo da vida (*LebensWelt*).⁵

O sentimento, as emoções, as intuições, enfim, a subjetividade também constrói mundos e explicações para as coisas desse mundo, cria tanto que transcende a esse mundo, cria outros mundos não tópicos, isto é, não localizáveis topicamente, utópicos, portanto. Esse *Lebenswelt* seria o resgate da subjetividade transcendental ausente por completo no mundo moderno, e, capaz de dar sentido ao mundo que nos cerca e ao mundo que está dentro de nós (Leite da Silva, 2012). Nesse quesito ideológico a imaginação reproduz situações e acontecimentos de tal modo que recria o mundo e suas relações físicas numa esfera metafísica, numa esfera transcendente ao esférico mundo. Tal criação se coloca como mais real que a realidade perceptível, está mais presente que o sentimento da presença do estar aí, pois o estar pode já não ser, enquanto que a imagem do estar se perpetua e se reproduz na velocidade da luz. Galileu disse: “O Universo é um grande livro escrito na linguagem da matemática”, e, desde então, ele tem sido o objeto da ciência. Mas será que estamos lendo o grande livro do Universo, ou o estamos escrevendo? (in: Mlodinow, 2012). As vezes parece que a ciência também não lê o universo para entender e compreender e depois reinterpretar, mas parece querer ser a protagonista do escrito esperançoso, mas

⁵ - Em Habermas o conceito de *LebensWelt*, mundo da vida, didaticamente pode ser dividido em estrutura cultural, social e pessoal.

também saudoso de uma época tão simples como a verdade implícita nos mais mirabolantes mitos. Mesmo assim, a ciência não é saudosista, não é subjetiva, não é dogmática, simplesmente é descritiva, por outro lado, o cientista tem todas as prerrogativas de um ser humano qualquer, sofre com o desconhecido, se admira com as descobertas, cria doutrinas e fórmulas matemáticas para descrever suas observações. A ciência não é personalista e nem tem outro interesse além do descritivo, mas o cientista é um ser humano, independentemente de ter ou não fé em algo ou alguém.

A saudade do que já não é, a saudade do que já não está, daquilo que nunca foi percebido, nunca foi sentido e, portanto, nunca poderia ter sido motivo de saudade, é tão forte que se criam rituais a reproduzirem tal saudade do desconhecido, a saudade do incognoscível – eis aí o nascimento da religião (os homens não adoram senão aquilo que não conhecem bem (Guyau, 2014, p. 77). A mesma saudade, a mesma admiração está também na ciência a adorar o desconhecido cosmos, mas para lhe dar sentido cria um discurso palatável. Mas o hoje é época do desencantamento, das angústias, das mais diversas doenças mentais, psíquicas, espirituais. A ciência, ou a religião, é sentimento travestido de sentido a buscar no arquétipo da psique um *insight* que sirva de fundamento paradigmático para a construção de um discurso sobre a verdade. Um discurso também sobre o desconhecido, sobre saudade do nunca vivido, deveria ser, como diria Max Muller, flexível para suportar tudo e estar aberta a todas as crenças e a todas as esperanças⁶.

Quando Gadamer e Habermas discorreram sobre a verdade o fizeram a partir da revelação, não encobrimento do que a coisa é. O objeto observado não apenas é apreendido pela subjetividade do observador, mas é também comunicante por si só daquilo que é, aqui transcende aos significados atribuídos pelos hermeneutas, não bastando a interpretação, senão também a compreensão. O entender sobre as coisas não precede a compreensão das coisas, estas, embora não inatas, agem com tanta intensidade que procede ao conhecer e produz o compreender.

Atuam aqui dois tipos de observadores, os que acreditam naquilo que veem e os que acreditam naquilo que não se pode ver, crédulos e incrédulos, gnósticos e agnósticos, hoje poderiam ser designados também de crentes e descrentes, e tantos outros extremos a se fragmentar e a produzir figuras disformes impossíveis de serem vistas a partir de um único

⁶ - Friedrich Max Muller (1823-1900), estudioso dos mitos (criador da “ciência da religião?”), pensava a possibilidade de múltiplas visões de mundo, haja vista a variedade das explicações míticas dadas pelas sociedades antigas.

lugar atemporal. Isso por si só enfraquece a tese de uma cosmovisão, seja ela embasada numa ideologia pragmática, ideal ou mesmo oriunda do relativismo ou absolutismo, do deísmo ou do teísmo, excluindo-se aqui qualquer tipo de agnosticismo ou mesmo de ateísmo – exclusão pela própria contradição trazida pela “cosmovisão” do não ser, não compreender, não saber...⁷

A religião como apreensão do mundo está mais preocupada em atribuir sentido ao mundo que em conhece-lo, não há muito interesse em saber como as coisas funcionam, o que as coisas são ou quais ações sobre a natureza poderiam modifica-la para melhorar a vida das pessoas, daí o desprezo histórico para com métodos e técnicas científicas. O que mais importa são as explicações que melhor coadunem com os pressupostos teológicos antigos ou medievais e não com pressupostos da ciência na modernidade. Nesse aspecto a fé na razão se vê comprometida, mas quais seriam os pressupostos racionais da fé? A volta às impressões do que o mundo é, e do que era no medievo o mesmo mundo, faz com que o desprezo às visões de mundo que coloque em risco o que se crê, tornando ainda mais acentuado o desprezo ao que destrutura a ideologia da fé, da tradição institucional dada muitas vezes como revelação divina. O desprezo pelo esforço científico preso à racionalidade e não afeito às confessionalidades é algo tão aterrador para muitos que os tais se colocam na defensiva em nome de uma fidelidade a uma possível “revelação divina”. Bem-aventurados esses que são possuidores de tamanha eleição divina a conceder, apenas a eles, a posse e manipulação dessa revelação conforme seus interesses históricos. É neste momento que a racionalidade se torna empecilho, que a razão é ridicularizada, que uma simples e possível ameaça de reflexão com independência irrestrita passa a ser combatida. Se o transcendente objetivo se faz imanente subjetivo, as rotulações de Weber, quanto ao desencantamento do mundo, se configuram cada vez mais como fatos a serem constatados pelos hermeneutas. Esse ressentimento provocado pelo desencantamento é assustador, muito mais assustador que o próprio desencantamento do mundo.

Do mesmo modo, o temor da religião pelos cientistas não é menor que o temor dos religiosos pela ciência que, a qualquer momento, pode produzir informações que ameassem o conforto das crenças, que pode a qualquer hora fazer desmoronar o castelo de cartas da ortodoxia de diversas religiões sobre a face da Terra. No entanto, o conflito entre religião e ciência não existe naturalmente, ele é produzido por alguns que ativa ou reativamente querem

⁷ - “A consciência é o centro de referência de toda existência”, diria Marx (In: Ricoeur, 1991, p. 136), mas não se pode dizer que a consciência seja os óculos hermenêutico de uma cosmovisão.

sobrepor sua ideologia sobre as outras, o século dezenove foi ringue a abrigar lutadores - de um lado os advogados da razão como produto da matéria, de outro lado os juízes da certeza de que o mundo podia ser compreendido com a emoção, com a intuição, com a fé. Ciência e religião não são óculos hermenêuticos cujas lentes poderiam ter sido polidas por Spinoza⁸ com precisão geométrica, são aproximações descritivas elaboradas pelas ciências e valorativas construídas pelas religiões. Sempre, porém, aproximações que buscam satisfazer o desejo de felicidade por ter dominado a natureza ou o sagrado. A natureza pela ciência, o sagrado pela teologia.

Em nome da ortodoxia, da verdade revelada de maneira surpreendente a uns em detrimento de outros, sem a menor vergonha de se colocar como acusadores dos que não se enquadram com o escopo doutrinário, e por isso condenam à margem dos “iluminados”, assim, acontece a apropriação, um tanto que indevida, do termo alemão *Weltanschauung* que melhor seria entendido como percepção do mundo, concepção de mundo, visão de mundo, e que de maneira míope foi entendido como cosmovisão, algo que faria Kant ou Dilthey revirar no túmulo – se pudessem, e que faz com que as pessoas bem intencionadas ao menos se sintam incomodadas.

Antes de ser um apanhado de princípios, de ideias, de valores individuais, o termo cosmovisão foi reprogramado para significar outra coisa que pode ser definida como ideologia. A universalidade na interpretação do que seja algo, difere da dialética construtora da dúvida metódica cartesiana, isto é, antes de qualquer certeza a dúvida deve estar presente, mas quando a certeza se faz presente sem antes ter se deparado com a dúvida, aí então se tem a ideologia. Cosmovisão é ideologia enquanto interpretação de mundo a partir de determinadas verdades pré-estabelecidas, a isso Gadamer já designara de preconceito (mas ali o termo significa conceito antecipado). Não é mais adequado descrever o mundo, o que são ou não são as coisas, a partir de preconceitos acrílicos, o observador precisa da neutralidade para melhor aproximar sua descrição do observado, e se não há neutralidade, que pelo menos a ideologia não rotule o que as coisas são, ou não são, a partir da linguagem religiosa, da linguagem metafísica que deveria ter compromissos contratuais com a imanência e não apenas com uma transcendência que nem sempre se constata. O fundamentalismo religioso, no entanto, insiste em afirmar ser possível ver o mundo na perspectiva da religião, não a dos outros, mas sempre a sua. Essa visão de mundo se dá através de um óculos

⁸ - Baruch Spinoza (1632-1677). Cito aqui Spinoza pela sua preocupação com o estudo da luz através das lentes, seu trabalho é de extrema importância para a contradição de uma única visão de mundo do universo.

hermenêutico já embaçado e desgastado pelo tempo, óculos que precisa pelo menos ser limpo.

A hermenêutica da vida, das coisas da vida, passa também pela compreensão, esta pode estar no campo da subjetividade ou da objetividade. Martin Heidegger havia criado o círculo hermenêutico para descrever o movimento que se dá entre o compreender para interpretar e do interpretar para compreender. Se ficar adstrita ao subjetivo o discurso do sujeito pode ser mais ou as vezes menos convincente, quando se parte de premissas universais dadas, simplesmente dadas, não necessariamente constatada e sem contestação alguma, o que na lógica aristotélica, especialmente no silogismo, resulta na conclusão que pode ser universal ou particular dependendo da segunda premissa e sua universalidade. Esse jogo da lógica procura diminuir absurdos discursivos, no entanto pode, também, justificar as premissas como válidas sem de fato serem válidas, tidas como verdadeiras sem necessariamente serem verdadeiras. A trajetória da lógica constitutiva de raciocínios válidos aos sofismas e falácias basta que a inversão de um termo se dê, basta que uma das regras seja quebrada, não importa se das premissas ou a dos termos. Não se fala aqui de estruturas de crenças subjetivas sobre objetos observados, mas de subjetividade desprendida da realidade por incapacidade de aceitação da verdade do que são as coisas e, da possibilidade de as coisas não serem. Incredulidade se faz com credulidade e vice-versa.

O crer e o pensar estão tão próximos que perfazem o mesmo trajeto do cérebro ao objeto e do objeto ao cérebro, com a diferença que muitas vezes não é preciso pensar o suficiente para crer, basta que se esteja diante de alguma fragilidade para o afloramento da crença, basta que um discurso qualquer sobre o sagrado convença o sujeito para que ele se coloque diante da realidade como capaz de entendimento, mas que apenas é um sentimento, uma percepção, uma emoção que se quer colocar no lugar da razão. A razão propensa ao acreditar pode desfocar o objeto que se observa, podendo desvirtuar a própria percepção do mundo da vida. A razão se não é o único, e talvez o último bastião da certeza do que as coisas são ou não são, pelo menos é a mais aproximativa maneira de interpretar e comunicar descritivamente o que é o cosmos.

O cosmos descrito por uma visão pretensamente cósmica, global, integral, não é senão uma pretensão. Leonard Mlodinow, físico quântico, num diálogo com Deepak Chopra, faz referência a “ilusão” como é descrito o cosmos:

Como escreveu Ludwig Boltzmann, o físico do século XIX tido como o pai da moderna teoria atômica, essas noções poderiam ser consideradas “apenas uma imagem mental dos fenômenos, relacionando-se com eles da

mesma forma que um símbolo se relaciona com a coisa simbolizada”. Em outras palavras, átomos e campos são uma espécie de linguagem. (2012, p. 238)

Mesmo que os sentidos sejam débeis para a apreensão do que as coisas sejam, a descrição do cosmos pela razão ainda é o mais condizente, o mais reflexivo meio de formulação da vida humana e da vida das coisas. Isso não significa dizer que a razão não tenha falhado na história da humanidade, mas que sem ela nem mesmo haveria humanidade. Pela razão também foram criadas ideologias, religiões, modos de explicar a física e as energias que emanam do cosmos, mas jamais poderia se pensar na universalidade de valores que não tenha sido antes culturalmente produzida em sociedades simples. Se cada indivíduo tem visão diversa, um do outro, então como falar em cosmovisão senão como ideologia a estagnar o conhecimento do universo. Tais inconsistências indicam a fragilidade de cosmovisões como método de interpretação. Mas então o que se pode colocar no lugar de um grupo de paradigmas a servir de referência para a interpretação? A resposta talvez seja nada, nada se pode colocar como paradigma único, ao não se colocar alguma coisa, todas as coisas estão à disposição do intérprete.

Apesar de interpretarmos textos ou acontecimentos, artes ou comportamentos, não o fazemos sem antes nos achegar com os conceitos anteriores que são postos na sociedade, tal aproximação se dá com os chamados pré-conceitos, conceitos que subsidiam a compreensão do que o objeto observado é. Pré-conceitos são as bases de toda hermenêutica, pois está na subjetividade do intérprete e pode ou não comunicar com a subjetividade do autor do fato a ser interpretado⁹. Nesse sentido, cada cabeça é uma sentença, não existe padrão de interpretação do mundo, cada vida é diferente das demais e por isso não se pode

⁹ - Emilio Betti (*A hermenêutica como método geral das ciências do espírito*), no início do século XX dizia que o espírito do leitor deve estar em sintonia com o espírito do autor, pois só assim seria possível uma interpretação mais aproximada. Daqui, nasce a antinomia de duas exigências, cujas interpretações devem ser obedecidas da mesma forma. Por um lado, se coloca para o interprete a exigência de objetividade, enquanto a reprodução, o repensar, deve ser a mais possível aderente e fiel ao valor expresso ou sintomático da forma representativa que se procura entender: uma exigência, portanto, de subordinação. Porém, tal objetividade não é atualizável a não ser através da subjetividade do interprete, contando com sua abertura e sensibilidade para aquele valor de expressão ou de sintonia, e a sua capacidade de se refazer a um grau de consciência que se adequa a esse. Vale dizer: o interprete é chamado a reconstruir e reproduzir o pensamento alheio a partir de dentro, como algo que se torna próprio; mas, agora tornado próprio, deve, ao mesmo tempo, colocar-se em oposição, como algo de objetivo e do outro. Está entre eles uma antinomia, de um lado a subjetividade inseparável da espontaneidade do entender e, por outro lado, a objetividade, por assim dizer, a alteridade do sentido que deve ser retirado. Ver-se-á no curso deste tratado, como de tal antinomia advenha toda dialética do processo interpretativo, e como sobre essa dialética se possa construir uma teoria geral da interpretação. (o livro de Betti foi traduzido do italiano por Antonio Alves de Carvalho e José Roberto Bonome, no prelo).

falar de visão única de interpretação sem a aproximação ao dogmatismo, no entanto, o risco que se corre é o extremo oposto, o relativismo. Não existe a possibilidade de verdade universal na cosmovisão, do mesmo modo, não existem verdades múltiplas sobre um mesmo lugar de observação. Mas a ciência nos ensinou que pode haver outras realidades, pois que as ações da natureza são muito diferentes das que percebemos com nossos sentidos. As múltiplas verdades possíveis devem aglutinar-se em torno de definição capaz de abarcar o que a coisa é e do que não é. Entre relativismo e dogmatismo a opção que se faz é a circunscrição onde o interprete, se inserindo, sente-se confortável com determinada compreensão produzida pela interpretação, não se deve esquecer, porém, que a interpretação exige alguma compreensão e que esta só pode estar no pré-conceito derivado da cultura onde se insere o interprete.

Aqui o ponto decisivo para a compreensão oriunda da interpretação ou da interpretação produzida pela pré-compreensão é a cultura. Se na antropologia a cultura se define por aquilo que é feito pelo ser humano, seja material (utilizando-se de produtos da natureza - ergologia) ou imaterial (utilizando-se de produtos mentais - animologia), na interpretação ou compreensão ela está a alicerçar o sentido que dá sentido àquilo que é observado. A cultura não é um bloco de conhecimentos definidos, mas um conjunto de elementos que estão em constante confronto entre si, às vezes se desintegrando e às vezes amalgamando diversas compreensões. A cultura é a base da interpretação, mas não tem a solidez suficiente para alicerçar uma única interpretação, embora alicerce com eficiência a pluralidade de interpretações. Falta ainda pensar na explicação.

CONCLUSÃO

A cultura é imprescindível para a saída do iluminismo (Aufklärung), cuja rotulação do preconceito trouxe a negatividade conceitual deste, e tal saída é fundamental para que se resgate o valor do preconceito como referência interpretativa, não como dogmática do tradicional ou relativização da novidade, mas simplesmente como pano de fundo neutro a comportar os riscos interpretativos. Nesse sentido, a razão não é suprema na interpretação, mas também não pode ser desvalorizada, se a razão não é juíza, também não é ré sujeita a julgamentos da crença, seja ela qual for. Lembrando Descartes com sua dúvida metódica e depois Vico na sua crítica cartesiana, o sujeito não é vazio de sentido cuja subjetividade não interfere na compreensão interpretativa ou na interpretação compreensiva derivada de neutralidade vazia de sentido. O sujeito que busca interpretar sempre estará diante da

impossibilidade de afastar totalmente seus preconceitos. Nesse sentido a interpretação, seja qual for, não é vazia de conceitos ideológicos pré-interpretativos, sempre existe na interpretação uma interpretação anterior que são as impressões do mundo da vida (*Die Lebenswelt*, Husserl e Schütz; *Lebensform* em Wittgenstein), em outras palavras, a cultura é dada antes de qualquer interpretação, ao mesmo tempo que não há interpretação que não tenha influência da cultura onde o interprete forma sua visão-de-mundo.

É a partir dessa visão-de-mundo que a explicação vai sendo elaborada, inicialmente pela linguagem comungada pelos indivíduos que compõem a sociedade, onde cada palavra elaborada necessita ter a univocidade que será reconhecida pelo receptor que fará a decodificação. Explicar com palavras que não precisam ser interpretadas pela não transmissão das equívocidades é tarefa quase impossível aos seres humanos, pois exegeses mostram que as palavras vão além de sua etimologia e se transfiguram muitas vezes pela semântica da contingencialidade humana. Explicar é mais agradável quando o objeto é passível de empiria, mas é também quase impossível quando se trata da subjetividade ou mesmo da transcendência necessária para a abstração da realidade.

Enquanto a visão de mundo é a porta aberta do sujeito cognoscente, e que por estar aberta permite a percepção do objeto, a cosmovisão é a porta que se fecha diante da possibilidade caleidoscópica das apreensões e, portanto, das diversas concepções de mundo, do mundo da vida. O sujeito comunicante não se deixa fragmentar diante da multiplicidade, antes, e por convicções íntimas, se enrijece e se condiciona a pensar e a ver o mundo com o óculos hermenêutico que lhe convém.

REFERÊNCIAS

- CASSIRER, Ernst. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- CHOPRA, Deepak; MLODINOW, Leonard. **Ciência e Espiritualidade**. Rio de Janeiro/Rio de Janeiro: Zahar/Sextante, 2012.
- DAMASIO, A. **En busca de Spinoza**. Neurobiología de la emoción y los sentimientos. Barcelona: Crítica, 2006.
- FRANCO, Sérgio de Gouvêa. **Dilthey: compreensão e explicação" e possíveis implicações para o método clínico**. In: Rev. latinoam. psicopatol. fundam. vol.15 no.1 São Paulo Mar. 2012.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 2ª Petrópolis: Vozes, 1998.
- GUYAU, Jean-Marie. **A Irreligião do Futuro: estudo sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- LEITE DA SILVA, B.: **Mundo da vida: possibilidade de superação crítica da crise ética da humanidade, Segundo Husserl, em Contribuciones a las Ciencias Sociales, Mayo 2012**, www.eumed.net/rev/cccss/20/ - acesso em 13 de maio de 2019.
- MOLES, Abraham Antoine. **A Criação Científica**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Sinodal/Vozes: São Leopoldo/Petrópolis, 2007.
- RICOEUR, Paul. **Ideologia e Utopia**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- RICOEUR, Paul. **Ser, Essência e Substância em Platão e Aristóteles**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



BONOME, José Roberto. A hermenêutica religiosa entre ideologia e filosofia. **Synesis**, v. 11, n. 2, fev. 2020. ISSN 1984-6754. Disponível em: <<http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1843>>